

Educação Musical e Musicoterapia: articulações entre ensino e terapia visando à inclusão e à formação integral de sujeitos

Giovana Brizolla Algarve Santos

Universidade Federal do Pampa
giovanacox@gmail.com

Carla Eugenia Lopardo

Universidade Federal do Pampa
carlalopardo@gmail.com

Resumo: Este artigo busca descrever a relação entre processos educacionais e terapêuticos ocorridos a partir da música, caracterizados nas áreas da Educação Musical e da Musicoterapia, respectivamente. Considerando aproximações e distâncias entre estas áreas, o objetivo desta pesquisa em andamento é compreender as articulações entre o ensino musical e a terapia através da música, delimitando suas fronteiras. Para tanto, esta pesquisa será desenvolvida em um grupo inclusivo, de práticas musicoterapêuticas, com dois profissionais atuantes: um educador musical e um musicoterapeuta. A produção de dados da pesquisa ocorrerá, principalmente, através de observações participantes e de entrevistas semiestruturadas com os profissionais do grupo. Na situação atual do desenvolvimento da pesquisa, já é possível compreender na teoria como ocorre tal articulação, a partir de autores que discutem importantes interseções e delimitações entre as áreas. Além disso, é sabido que a temática aqui abordada ainda é pouco recorrente nas literaturas e, conseqüentemente, pouco discutida, fazendo com que este artigo e a pesquisa, posteriormente finalizada, promovam discussões sobre este tema, dando ênfase e reconhecimento ao ensino musical para pessoas com necessidades especiais compreendendo a importância da música para a formação integral destes sujeitos, bem como para a promoção da sua saúde e bem-estar.

Palavras-chave: Educação Musical, Musicoterapia, interseções.

Introdução

Este artigo apresenta um projeto de pesquisa em andamento que busca compreender como a Educação Musical é pensada e desenvolvida com pessoas com necessidades especiais. A partir de vivências pessoais com grupos de crianças e jovens inclusos, em que o ensino musical era a principal atividade, foi possível identificar o como e o quanto dessas práticas eram determinantes para o benefício da saúde mental e da formação integral dos alunos participantes desses grupos.

Em decorrência destas práticas busquei compreender como se dá a articulação entre o ensino e a terapia, através da Educação Musical e a Musicoterapia, com sujeitos com necessidades especiais (LOUREIRO e FRANÇA, 2005; LOUREIRO, 2006; LOURO, 2000, 2006; RAVAGNANI, 2009; BORNE, 2012; PASSARINI et al., 2012; ALMEIDA & CAMPOS, 2013; SILVA JÚNIOR, 2016; SUZANO 2016). Nesta perspectiva, o campo desta pesquisa será a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), onde se realiza um trabalho musicoterapêutico, na presença de um musicoterapeuta e de um educador musical.

Nesta pesquisa também são contemplados alguns aspectos da Educação Musical Especial em diálogo com as áreas antes mencionadas (JOLY, 2003; LOURO, 2006, 2016; CARNEIRO, 2014) focando nos processos de articulação e interseção entre a Educação Musical e a Musicoterapia, considerando que há muitos aspectos, aproximações, diferenciações e possibilidades de abordagem de ambos. Neste sentido, as perguntas que norteiam a pesquisa são: a) Como a Educação Musical se insere dentro de práticas musicoterapêuticas realizadas com pessoas com necessidades especiais? b) Como ocorre a articulação entre estas duas áreas? c) De quais maneiras a música é abordada nestas práticas terapêuticas? d) Em quais proporções a música exerce influência na formação integral dos participantes? e) Quais adaptações pedagógico-musicais são desenvolvidas pelo educador musical pensando na inclusão de todos os participantes e como os participantes respondem a este processo educacional?

Contribui com esta pesquisa o desenvolvimento de estudos interdisciplinares, neste sentido, o objetivo é compreender as interseções entre a Educação Musical e a Musicoterapia. No que se refere aos objetivos específicos deste projeto de pesquisa, buscase: a) Observar e analisar práticas de Musicoterapia e de Educação Musical no grupo da APAE; b) Conhecer as necessidades especiais de cada participante visando à interação e socialização dentro do grupo; c) Revelar quais aspectos dessas práticas se vinculam, interagem, articulam; d) Compreender como as adaptações são pensadas para as propostas de atividades educacionais e terapêuticas; c) Refletir e discutir sobre as possibilidades de articulação entre as áreas e suas implicâncias para a Educação Musical.

Serão apresentados, a seguir, alguns dos principais autores que embasam a revisão da literatura deste trabalho.

Revisão de Literatura

A revisão da literatura servirá de apoio para discutir sobre concepções e perspectivas das áreas da Educação Musical e da Musicoterapia em diálogo, descrevendo e articulando-as, delimitando suas fronteiras. Por tratar, principalmente, da articulação entre áreas, a revisão de literatura predispõe de um diálogo único, pois compreendemos que a melhor maneira de descrevê-las seja através de um discurso que desenvolva um entrelaçamento das discussões, conforme é apresentado a seguir.

Áreas em Diálogo

A Musicoterapia é uma ciência que foi consolidada no início do século XX. A praticidade da medicina, da terapia aliada a estimulações e aprendizados musicais fora estudada, proposta e desenvolvida em tempos muito anteriores, contudo, apenas no século XX que esta prática foi denominada de Musicoterapia (LOUREIRO, 2006). Muito similar a Educação Musical, esta área fundamenta-se também a partir da improvisação, composição, interpretação e escuta, que são caracterizadas como experiências musicais (BRUSCIA, 2000). Segundo Almeida e Campos (2013, p. 45), “essas experiências musicais são ferramentas fundamentais que levam ao desenvolvimento do processo musicoterapêutico, bem como para o aprendizado significativo do educando”. Além disso, as autoras discutem sobre os benefícios do olhar do especialista em Musicoterapia na Educação Musical, caracterizando-o como um educador-terapeuta, já que

A educação musical com o olhar musicoterapêutico tem a intenção de promover a saúde do aluno de forma preventiva, acolhendo e atendendo as necessidades específicas de forma individual, surgindo assim a figura do educador-terapeuta. Profissional que necessita de capacitação para lidar com as diversidades e trabalhar o aprendizado musical como possibilidade de cuidado e desenvolvimento humano. (ALMEIDA e CAMPOS, 2013, p. 46)

Com relação aos objetivos e concepções da Musicoterapia e da Educação Musical, tanto Almeida e Campos (2013) quanto Ravagnani (2009), baseadas em Violeta de Gainza e Kenneth Bruscia, defendem a ideia de que o primeiro se designa a servir processos

terapêuticos, de saúde e bem-estar, enquanto o segundo possui a finalidade totalmente educacional, em que há aquisição de habilidades e conhecimentos. Contudo, é afirmado que

[...] os meios utilizados pelas duas áreas para atingir seu objetivo demonstram que há uma cooperação recíproca entre as áreas. O educador se utiliza de elementos da musicoterapia para auxiliar no processo de aprendizagem e o musicoterapeuta se utiliza de elementos da educação musical como coadjuvante no processo terapêutico. (ALMEIDA e CAMPOS, 2013, p. 51)

Ravagnani (2009) completa que, na Musicoterapia, o mais importante “é a relação entre a música e o paciente”, sendo assim, na Educação Musical “o foco recai sobre a aquisição de algum conhecimento musical pelo aluno” (p. 34). Para Loureiro (2006, p. 7), através da Musicoterapia, o paciente além de desenvolver-se em aspectos reabilitativos, também está apto a adquirir e promover habilidades, principalmente àqueles que possuem necessidades especiais. Além disso, a autora deduziu “estratégias e adaptações metodológicas e exercícios para a prática da educação musical no ensino regular” (p. 8), voltadas, principalmente, para o âmbito escolar, visando sujeitos com atraso do desenvolvimento leve e moderado. Loureiro e França (2005) relatam sobre a função, métodos e técnicas da Musicoterapia na iniciação e na Educação Musical Especial no mesmo âmbito da pesquisa anterior, objetivando destacar alguns princípios para praticar a Educação Musical com este público.

Ao abordar sobre estratégias e atividades adaptadas metodologicamente para a Educação Musical Especial e desenvolvê-las com alunos com necessidades especiais, Louro (2006) afirma que não devem existir grandes elos entre a educação e a terapia em música, considerando os avanços percebidos na aprendizagem musical dos seus alunos e as melhorias na personalidade, na saúde e no bem-estar deles. Para a autora:

A educação musical, realizada por profissionais informados e conscientes de seu papel, educa e reabilita a todo momento, uma vez que afeta o indivíduo em seus aspectos principais: físico, mental, emocional e social. (LOURO, 2006, p. 27)

A diferença entre Educação Musical e Musicoterapia é “de procedimento”, ou seja, assim como demais autores destacaram, o que se almeja em ambas as práticas é o que as diferencia. Além disto, para Louro (2000), em determinadas situações, a educação e a

terapia “se misturam de tal forma que se torna quase impossível diferenciá-los, mas isso não significa que sejam a mesma coisa” (p. 2). É perceptível a cautela da autora na relação entre ambas as áreas, destacando as diferenças e garantindo que não sejam confundidas, pois mesmo que “os resultados da educação musical e da musicoterapia sejam os mesmos, o fato de suas bases estarem fundamentadas em propostas diferenciadas, muda toda relação do indivíduo com a música, seja ele com deficiência ou não” (LOURO, 2000, p. 3).

Suzano (2016) discute uma diferença entre a Educação Musical e a Musicoterapia: a necessidade previa ou posterior de adquirir habilidades e conhecimentos musicais, visto que, em terapia, este aspecto não se faz necessário; contudo, no aprendizado musical esta é a centralidade. Assim, entre as áreas abordadas e os resultados finais de suas práticas, a fundamentação da proposta de cada uma delas é o que faz a diferença (p. 86).

Em contrapartida às diferenciações e distâncias entre a Educação Musical e a Musicoterapia, atualmente, um novo conceito de articulação entre estas áreas vem sendo proposto por Passarini, Aoki, Prearo e Andrade (2012): o da Educação Musical Terapêutica. Apoiada no desenvolvimento de um trabalho em que o aprendizado musical e o processo terapêutico ocorram paralelamente, sem destacar mais a um do que outro. Neste sentido, o objetivo principal da Educação Musical Terapêutica é o desenvolvimento integral de quem a pratica. Nesta proposta, a Educação Musical e a Musicoterapia se complementam e os papéis de educador e terapeuta, aluno e paciente se equiparam.

Os autores baseiam seu trabalho no Modelo Benenson de Musicoterapia (MBMT) e justificam sua proposta a partir de um acontecimento atual que vem ocorrendo em grandes centros urbanos: a crescente procura por musicoterapeutas para lecionarem na Educação Musical e Educação Musical Especial:

[...] é evidente que existe uma procura consciente pelo profissional com olhar e prática ampliados, capacitado para lidar com as diversidades e para trabalhar o aprendizado musical como possibilidade de cuidado e desenvolvimento humano [...] (PASSARINI et al., 2012, p. 2)

Desta procura que emergem os termos educador-terapeuta e/ou professor musicoterapeuta. Os autores destacam algumas contribuições que as áreas oferecem,

ressaltam, principalmente, processos de interação, conceitos fundamentais do MBMT¹ e métodos ativos da Educação Musical². Ainda na proposta da Educação Musical Terapêutica, Silva Júnior (2016) acredita que “falar do efeito terapêutico da música no contexto da Educação Musical é tratar da universalidade da música e seu potencial de influenciar nossos sentimentos e pensamentos” (p. 1). Contudo, diferentemente de Passarini et al. (2012), o autor prefere considerar a Educação Musical como fator primário considerando que o alcance de benefícios psicológicos e/ou terapêuticos é secundário. Este outro prisma da Educação Musical Terapêutica também é interessante e inovador, contudo vai além do que Passarini propõe fundamentalmente.

Trazendo o olhar para a Educação Musical Especial, Fantini, Joly e Rose (2016) apresentam o estado da arte das produções brasileiras em Educação Musical Especial nos últimos 30 anos. As autoras realizaram o mapeamento nos principais meios de publicação de educadores musicais, perfazendo um total de 126 estudos da área encontrados nas publicações e eventos da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), Simpósio de Cognição e Artes Musicais (SIMCAM) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPPOM). Nesta perspectiva, Carneiro (2014) também abordou a produção e a discussão sobre a Educação Musical Especial, levantando conceitos, visões, similaridades e distâncias entre a Educação Musical Especial e Musicoterapia. Para o autor, é necessário que as áreas contribuam entre si através de conhecimentos e propostas que sejam cada vez mais correlacionadas. Contudo, ressalta que é necessário verificar as possibilidades de atuação de um professor musicoterapeuta (ou educador-terapeuta), proposto por Passarini et al. (2012), delimitando os campos de atuação de cada um.

A partir das literaturas apresentadas e os aspectos abordados por estes autores, pode-se propor, então, que a mais intensa relação entre a Educação Musical e a Musicoterapia não encontra-se nas propostas pedagógicas, nos processos e resultados e o

¹ “1) Espaço Vincular; 2) Distância Ideal; 3) Território; 4) Tempo de latência e; 5) Tempo vincular ou terapêutico” (PASSARINI et al., 2012, p. 5).

² A proposta de improvisação e instrumental de Carl Orff, que no MBMT é representada pela “Associação livre cóporo-sonoro-musical-não-verbal”; o método de Émile-Jacques Dalcroze, na utilização de ritmo e movimento, que, para Benenzon, faz relação direta com a proposta de comunicação não-verbal em Musicoterapia; e o método de Murray Schafer, que através dos conceitos de Capacidade Criativa e Paisagem Sonora, é possível desenvolver a criatividade mútua e “um fazer sonoro-musical-não-verbal que inclui infinitas possibilidades de expressão e criação para paciente e musicoterapeuta (...)” (PASSARINI et al., 2012, p. 10).

impacto das atividades, mas sim, que está refletida nas ações de uma Educação Musical Especial, que, muitas vezes, propõe um desenvolvimento de trabalho buscando tanto ensinar, quanto promover o bem-estar de sujeitos com necessidades especiais. Ao sabermos que, a Musicoterapia e a Educação Musical Especial são desenvolvidas com um mesmo público, que possuem aproximações e contribuições de uma para outra, bem como um resultado muito similar de trabalho em determinadas vezes, mas que seus objetivos e fundamentações são divergentes, é possível considerar que ambas demarcam uma fronteira entre processos educacionais e terapêuticos, conforme Bruscia (2000). Borne (2012) buscou descrever as interfaces entre Educação Musical Inclusiva e Musicoterapia, a partir de seu projeto com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas afirma ter sido um desafio descrever e delimitar as fronteiras entre as áreas. Apesar disso, o autor identificou melhorias e crescimentos em alguns aspectos, comprovando os benefícios em vista do aprendizado integral dos mesmos: aumento da autoestima, melhor organização temporal, consideração e cuidado pelo outro, entre outros.

Apesar de claras as contribuições no bem-estar, no convívio social e na formação integral de participantes e alunos, os autores, geralmente, discorrem um diálogo ainda com pouca discussão sobre o desenvolvimento destes aspectos integrais à formação. Apesar disso, apresentam importantes questões relacionadas ao ensino musical de pessoas com necessidades especiais. Nesta mesma perspectiva, Joly (2003) sugere propostas de ensino de música para sujeitos com necessidades especiais. Para haver uma abordagem pedagógica adequada, segundo a autora, é necessário que o professor tenha um considerável conhecimento sobre o estudante, sobre as características de sua deficiência, sobre o seu meio social e educacional, devendo adquirir novos conhecimentos constantemente, para uma melhor adaptação e entendimento sobre as capacidades do estudante, assim, “por meio de um programa de educação musical bem estruturado e com objetivos bem definidos é possível promover o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo da criança com necessidades especiais” (JOLY, 2003, p. 2).

Um aspecto importante a ser considerado nesta pesquisa é a interdisciplinaridade. Neste caso, a proposta interdisciplinar ocorre em ambientes que propõem um trabalho relacionado e articulado entre a terapia, o bem-estar, a saúde e os aspectos psicológicos com a música/musicalização. Comumente denominada como proposta multidisciplinar tem-

se preferência por chamar como interdisciplinar por compactuar da mesma concepção que Japiassu (1976), de que, a partir de um princípio de distinção entre as terminologias possíveis a serem agregadas à ‘disciplinaridade’, “[...] a interdisciplinaridade se caracteriza pela *intensidade das trocas* entre os especialistas e pelo *grau de integração real* das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (p. 74). Já a multidisciplinaridade é compreendida pelo autor como um “sistema de um só nível e de objetos múltiplos [...]” (p. 73), que aparece em uma situação de variedade de disciplinas, propostas de maneira simultânea, mas que não realizam trocas e não mantêm uma relação entre si.

Dentre os autores desta revisão que abordam discussões com caráter interdisciplinar, voltamos a mencionar Joly (2003), quem assegura que há uma situação crescente de estabelecimento da Educação Musical como potência em projetos interdisciplinares, relatando o trabalho musical com sujeitos especiais em que situações multidisciplinares ocorriam, conforme exemplifica a seguir:

A forma de aplicação do procedimento, assim como a avaliação dos desempenhos [musicais] dos alunos foram adaptadas de acordo com suas características peculiares [...]. Por exemplo, os exercícios de movimento eram realizados com ajuda da professora/pesquisadora seguindo instruções específicas de uma fisioterapeuta; [...]. (JOLY, 2003, p. 3).

Neste sentido, acreditamos que o crescimento da Educação Musical como disciplina pertencente a projetos interdisciplinares pode estar relacionado ao fato já discutido anteriormente: a emergente visualização do ensino de música junto à promoção do bem-estar e saúde, com o viés terapêutico transversalizado. Este fato foi percebido em novos conceitos e terminologias que foram propostos nos últimos anos pelos autores visitados na revisão bibliográfica deste trabalho (PASSARINI et al., 2012; BORNE, 2012; SILVA JÚNIOR, 2016 e SUZANO, 2016). Além destes, Louro (2016), na emergência destes pressupostos, propôs uma literatura – podendo caracterizar-se como um estudo interdisciplinar – que dialogasse com a música e a inclusão desde múltiplos olhares, a partir das articulações entre a Medicina e a Educação Musical Inclusiva, a Terapia Ocupacional, a Arte, a Musicoterapia, a Tecnologia, a Comunicação, a Psicologia, a Psicopedagogia, a Psicomotricidade, entre outros.

Metodologia

Esta pesquisa se desenvolverá na APAE, dentro de um contexto social público, no grupo de Musicoterapia da instituição. Constituir-se-á a partir da abordagem qualitativa, buscando “explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito”, mas sem quantificar os valores e as trocas simbólicas (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32). Conforme Flick (2009) uma das impulsões para a pluralização da pesquisa qualitativa nas últimas décadas é a busca/necessidade de desconstruir antigas concepções sobre desigualdade social, adentrando um olhar para as diversidades, subculturas, estilos e formas de vida.

De caráter exploratório e descritivo, esta pesquisa tem como principal finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p. 27). Já a pesquisa descritiva é caracterizada como um estudo que descreve “características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (p. 28).

No processo de produção de dados, serão realizadas entrevistas semiestruturadas, observações participantes, gravação de interações e registros audiovisuais. As entrevistas semiestruturadas serão desenvolvidas com os profissionais atuantes neste grupo, o educador musical e o musicoterapeuta. Através deste instrumento buscarei compreender: a) como as aulas/sessões são elaboradas; b) como ocorre a articulação de trabalho entre os dois profissionais; c) como os mesmos elaboram seus encontros com o grupo, visando à inclusão e adaptação do ensino e da terapia; d) se utilizadas, quais são suas metodologias de prática profissional com o grupo; e) como os profissionais concebem o processo de articulação entre a Educação Musical e a Musicoterapia nos seus trabalhos; entre outras possíveis e recorrentes questões. Segundo Bresler (2000), a entrevista semiestruturada é um tipo de entrevista organizada em tópicos ou questões previamente definidas, permitindo assim, “uma maior margem para analisar e para seguir a opinião do entrevistado acerca daquilo que é importante” (p. 19).

Tratando da observação participante, este será o instrumento de levantamento de dados mais importante para compreender o grupo pesquisado, pelo fato de presenciar as

atividades e as propostas, resultando em prováveis interações com a literatura, respostas claras às questões e, conseqüentemente, reflexões e conclusões acerca da pesquisa que se propõe. Serão realizadas observações participantes mantendo proximidade, participando de atividades, auxiliando ou fazendo ações solicitadas no decorrer das práticas em grupo, compreendendo as respostas para esta pesquisa de maneira interpessoal. Conforme Flick (2009), permitir uma entrada é essencial numa pesquisa qualitativa, pois possibilita ao pesquisador levantar dados e informações do grupo e/ou dos participantes que são coletados, unicamente, a partir da comunicação.

No decorrer das observações serão realizados, concomitantemente, os registros audiovisuais das práticas musicais no grupo. Para Penna (2015), entre diversas possibilidades de denominar e classificar as maneiras de observação, o mais importante é ter esclarecidos os procedimentos em relação à observação e a sua maneira de registro, detalhando, diferenciando e classificando os registros escritos. Para isto, serão utilizados diários de campo, pois, na abordagem qualitativa, é comum que a análise dos dados seja proveniente e organize-se a partir de “notas e histórias que o investigador guarda” (BRESLER, 2000, p. 21). Sendo assim, o diário de campo caracteriza-se como acessório importante para os momentos de observação do pesquisador, contudo seus registros por si só não garantem e nem determinarão as reflexões destes registros (BARTELMÉBS, 2012, p. 5). Além disso, Penna (2015) lembra que, ao utilizar instrumentos para coletas de dados como diários de campo, fotografias e gravações, envolve-se a estes os direitos de uso de imagem e de conteúdo pessoal dos participantes, devendo apresentar aos envolvidos um termo de consentimento livre e esclarecido que permita a posterior utilização dos dados para fins de divulgação da pesquisa.

Resultados Esperados

Espera-se que esta pesquisa possibilite a compreensão das áreas em questão, com a aproximação a novos conceitos e conhecimentos sobre a prática docente para e com pessoas com necessidades especiais, percebendo as articulações entre música e saúde, bem como suas semelhanças e distinções. Espera-se, também, contribuir para a vasta área da pesquisa em Educação Musical, projetando mais uma possibilidade de inserção da música

em contextos não-formais de ensino e aprendizagem, ao destacar como abordagens pedagógico-musicais podem ser pensadas quando deparamo-nos com um público que possui necessidades especiais.

Partindo da reflexão de que professores de música devam estar preparados para realizar abordagens também com crianças e jovens com necessidades especiais na educação básica (GOMES, 2010), espera-se que esta pesquisa possa auxiliar, através dos desdobramentos dos resultados obtidos, àqueles que buscam por este conhecimento durante sua formação como professores de música e como educadores de maneira geral.

Apesar deste estudo não ter como campo de pesquisa a dimensão da educação básica, almejo que, mesmo assim, levante reflexões sobre o ensino de música e o aspecto da socialização e inclusão de pessoas com necessidades especiais, demonstrando que este pode ser também um campo de atuação profissional para o educador musical. Alternativas de desenvolver a Educação Musical e a saúde através da música poderão ser abordadas, mostrando os caminhos para adaptar e flexibilizar o ensino, contribuindo paralelamente na promoção da saúde destes sujeitos, a partir das práticas observadas no grupo e o marco teórico que fundamenta as mesmas.

Considerações

Até o dado momento, as literaturas abordadas e discutidas, bem como as práticas pessoais de atuação musical com pessoas com necessidades especiais, têm demonstrado a interessante possibilidade de articulação entre o ensino e a terapia através da música, para todos aqueles que desejarem, já que a música contribui para a formação integral das pessoas, sejam elas especiais ou não. O que pode ser evidenciado é que, na maioria das vezes, uma das duas práticas é tratada como primária, sendo a outra um aspecto paralelo ao desenvolvimento. Ou seja, em situações de ensino musical, por exemplo, a terapia é um aspecto transversal à aprendizagem, podendo ser vista em momentos em que há o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional, social, pessoal, entre outros. O contrário também é possível; através de terapia musical, o sujeito pode vir a adquirir habilidades em música, assim como despertar o interesse em aprofundar determinados aprendizados musicais.

Além disto, novas propostas vêm emergindo para suprir a necessidade de articular as áreas, principalmente para sujeitos com necessidades especiais. Estas propostas demarcam ainda mais o quão fronteiriço é o aspecto musical relacionado a áreas que poderiam ser consideradas distantes e sem possibilidades de relação. Os novos espaços multi/interdisciplinares, que promovem o olhar para a aprendizagem musical e desenvolvimento integral para pessoas especiais, podem ser os principais meios em que esta possibilidade é enxergada.

Relacionado a isto, podemos considerar que, se a música dispõe a todo tempo de possibilidades de sensibilização, de educação, de terapia, de lazer, de desenvolvimento humano, porque não poderia possibilitar também um ensino-terapia? Ao vivenciar a música ensinando e ao mesmo tempo promovendo o bem-estar, o social, a linguagem, o desenvolvimento motor e cognitivo de pessoas com necessidades especiais, é possível considerar que as práticas musicais, quando elaboradas de maneira qualificada, têm demonstrado sua capacidade de ensinar, educar, promover a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento integral daqueles que desejam ou necessitam.

Referências

ALMEIDA, Daniela Torres de; CAMPOS, Ana Maria Caramujo Pires de. Educador-terapeuta – os benefícios do olhar do especialista em musicoterapia na educação musical. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano XV, nº 15, p. 43 - 56, 2013.

BARTELMÉBS, Roberta Chiesa. A observação na pesquisa em educação: planejamento e execução. Material digital da disciplina de Metodologias de Estudos e Pesquisas III do Curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil - FURG, 2012. Disponível em: <http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1454/1/Texto_observacao.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BORNE, Leonardo da Silveira. Música, educação inclusiva e musicoterapia: em busca de interfaces a partir de um caso. In: XXII Congresso da ANPPOM, 2012, João Pessoa. *Anais*. João Pessoa: UFPB, 2012. V. único, p. 01-10.

BRESLER, Liora. Metodologias qualitativas de investigação em Educação Musical. Revista Música, Psicologia e Educação, Porto, n. 2, p. 5-30, set. 2000.

BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARNEIRO, Italan. Educação musical especial: delimitando fronteiras com a musicoterapia. In: XII Encontro Regional Nordeste da ABEM, 2014, São Luis. *Anais*. Associação Brasileira de Educação Musical, out. 2014.

FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; ROSE, Tânia Maria Santana de. Educação musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos. Revista da ABEM, Londrina, v. 24, n. 36, p. 36-54, jan. jun. 2016.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Joana Malta. O Aprendizado de Música por Crianças com Necessidades Educacionais Especiais. In: VI Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2010, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: UFRJ, maio de 2010, p. 458-471.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. Revista do Centro de Educação, Santa Maria: UFSM, v. 28, n° 2, 2003.

LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga. Musicoterapia na Educação Musical Especial de Portadores de Atraso do Desenvolvimento Leve e Moderado na Rede Regular de Ensino. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Música – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.

LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; FRANÇA, Cecília Cavalieri. Inclusão Física versus Integração: função da musicoterapia na iniciação e educação musical da criança portadora de atraso do desenvolvimento na rede regular de ensino. In: XV Congresso da ANPPOM, 2005, Rio de Janeiro. *Anais*. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música: UFRJ, 2005, p. 1323-1330.

LOURO, Viviane dos Santos. Educação Musical e Deficiência: propostas pedagógicas. São José dos Campos: editora do autor, 2006.

_____. Educação musical e musicoterapia frente a pessoa com deficiência. Música e Inclusão, 2000. Disponível em: <<https://musicaeinclusao.wordpress.com/2013/06/07/louro-viviane-educacao-musical-e-musicoterapia-frente-a-pessoa-com-deficiencia-2/>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

_____. Música e Inclusão: múltiplos olhares. São Paulo: Editora Som, 2016.

PASSARINI, Luisiana França; AOKI, Thiago; PREARO, Pablo de Moraes; ANDRADE, Andressa. A Educação Musical no desenvolvimento da criança: trilhas da musicoterapia preventiva. In: XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, 2012, Olinda. Revista Brasileira de Musicoterapia: UBAM, out. 2012.

PENNA, Maura. Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAVAGNANI, Anahi. A Educação Musical de crianças com Síndrome de Down em um contexto de interação social. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SILVA JÚNIOR, José Davison da. Educação musical terapêutica: um novo conceito em educação musical? In: I Simpósio Nacional de Psicologia da Música e Educação Musical, 2016, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: UEFS, mar. 2016.

SUZANO, Cátia. Diálogos entre educação musical e musicoterapia. In: LOURO, Viviane dos Santos. *Música e Inclusão: múltiplos olhares*. São Paulo: Editora Som, 2016, p. 81-98.